O PATRIARCA DA FAMÍLIA SARAIVA LEÃO (*)

Fernando Câmara

Na ribeira do Banabuiú, entre os municípios de Quixadá e Morada Nova, precisamente na Barra do Sitiá, estabeleceu-se no segundo quartel do século XVIII o pernambucano Capitão Alexandre de Brito Pereira e sua mulher, D. Albina Ferreira do Soveral.

Foram seus pais o Capitão José Pimenta de Aguiar e D. Anna da Silva, e de sua esposa, o Tenente-Coronel de Milícias José Ferreira Colaço e D. Thereza Maria de Jesus.

Alexandre de Brito Pereira era cavaliano, isto é, comerciava cavalos em nossos sertões, os quais eram revendidos nas zonas canavieiras de Pernambuco e usados nos engenhos.

Estes animais faziam o papel de motor, atrelados às almanjarras e acionando as moendas.

Naqueles recuados tempos, os engenhos com sua fabricação de açúcar representavam o poder econômico do senhorio do Nordeste, sendo uma das principais fontes de renda do Brasil-Colônia, através de larga exportação para os mercados do Reino.

A Barra do Sitiá era um florescente povoado com estradas para carros de bois, destinadas aos mais importantes centros comerciais da Capitania: Aracati com o seu porto, e Icó, na rota do mercado pernambucano.

Cinco foram os filhos do casal Alexandre de Brito Pereira e Albina Ferreira do Soveral:

1º) — Thereza do Ó, batizada em Aracati no dia 29 de janeiro de 1744;

2º) — Anna Maria do Ó, gêmea com a primeira, mas batizada somente em 3 de fevereiro do mesmo ano;

3º) — Antônia, batizada na Fazenda Tapera, no atual município de Morada Nova, em 11 de março de 1747;

4º) — Francisca Maria Leitão, que casou com o Capitão de Cavalaria, Antônio Pereira Castelo Branco e são os avós maternos do Dr. Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco, um dos homenageados desta Convenção;

5º) — Antônio, que casou com Anna Batista da Costa Coelho e ao batizar o primogênito Elias, em 5 de outubro de 1779, na Matriz de Quixeramobim, declarou chamar-se Antônio Saraiva Leão. É o tronco dessa família no Ceará e avô paterno do mesmo Dr. Antônio Benício.

Dele iremos nos ocupar em nossa palestra, na qualidade de conferencista desta noite.

* * *

Exmas. Autoridades, Ilustres Convidados e Estimados Parentes.

Quando em 1978 realizamos a III Convenção em Morada Nova, causou-me admiração ouvir os parentes ali radicados falarem constantemente no Papai Saraiva, nome como tornou-se conhecido o Tenente-Coronel de Milícias Antônio Saraiva Leão, considerado pelo Barão de Studart "opulento fazendeiro" em seu famoso *Dicionário Biobibliográfico.*

Esta admiração se justificava porque já havia decorrido quase cento e cinqüenta anos do falecimento deste Patriarca do Banabuiú, não chegando, portanto, ele a ser conhecido desta ou da outra geração que nos antecedeu.

Entretanto, tais foram as suas atividades, como chefe de numerosa família, detentor de uma das maiores fortunas conhecidas na história de nosso clã, homem de espírito público e generosidade sem par, valendo ressaltar que ainda hoje a sua imagem é venerada pelos seus numerosos descendentes.

Muito se fala na marcante personalidade deste nosso antepassado, mas pouco se conhece da história do grande Patriarca, que possuía vasto império sertanejo, constituído de numerosas propriedades localizadas nos atuais municípios de

Russas, Aracati, Morada Nova, Quixadá, Quixeramobim e até mesmo no vizinho Estado da Paraíba.

Tentaremos penetrar em sua vida, valendo-nos de informações verbais de alguns parentes e das escassas crônicas escritas pelo seu neto, Dr. Antônio Benício, e do bisneto, Dr. Antônio Gervásio Alves Saraiva.

A sua infância foi mesmo na Barra do Sitiá, ao lado do pai, o qual, além de se dedicar ao comércio de animais para os engenhos de Pernambuco, ocupava-se, ainda, de atividades agropecuárias.

Sabemos que nesta primeira infância o Capitão Alexandre de Brito Pereira o levou a Pernambuco para conhecer o padrinho, empresário rico, com quem seu pai mantinha transações comerciais.

Quando rapaz, esteve em Quixeramobim passando temporada na residência da irmã, Anna Maria do Ó, esposa do português Capitão-mor José Pereira d'Eça.

A casa do cunhado era assobradada e ficava quase por detrás da Igreja Matriz de Santo Antônio. Ainda cheguei a conhecê-la, na minha infância, antes de ser adquirida e demolida pelo comerciante Antônio Holanda, sogro do deputado Alfredo Machado.

Encontrava-se na companhia do casal a jovem Anna Batista, filha do Tenente-Coronel João Batista da Costa Coelho, português e figura de destaque na Capitania.

Surgiu o romance entre ambos que terminou em casamento realizado em nossa cidade natal pelos idos de 1779.

Naquele mesmo ano era batizado o primeiro filho, conforme assentamento existente no livro 03, folha 72, da Paróquia de Quixeramobim:

"Elias, de idade de três meses, filho legítimo de Antônio Saraiva Leão e sua mulher Anna Batista da Costa Coelho, moradores na fazenda Caraúna desta Frequezia. Neto paterno de Alexandre de Brito Pereira e sua mulher Albina Ferreira, já defunta. Foi batizado aos vinte e cinco de outubro de mil setecentos e setenta e nove. Foram padrinhos o Tenente-Coronel João Batista da Costa Coelho, por procuração, e Anna Maria do Ó, do que fiz este assento no mesmo dia, mês e ano — João Rodrigues — Administrador do Sacramento."

Devo esclarecer que a Fazenda Caraúna citada neste batistério não é a atual propriedade existente no município de Quixeramobim, mas outra localizada em Morada Nova.

Feito o necessário esclarecimento, demos agora a palavra ao Dr. Antônio Gervásio Alves Saraiva, o qual, em suas memórias, comenta o enlace matrimonial deste seu bisavô materno:

"Deste casamento proveio-lhe grande fortuna, tornando-se um dos mais ricos fazendeiros daquele tempo. Seu sogro, político influente em Aquirás, arrematava os dízimos dos gados da Capitania, que então se fazia por triênios, por preço baixo para o genro, a quem cedia, ainda, os da Capitania do Piauí, terra do gado por excelência.

Rico, com muitas fazendas, com cerca de sessenta escravos, Saraiva, dentro de pouco tempo era Coronel de Milícias. Morou em sua Fazenda Saco, sobre o Rio Banabuiú, onde provavelmente morreu. É ele o tal que enterrou misteriosamente seus cabedais de prata e ouro dentro de vasilhame de barro, como se referiu o Padre Saraiva (seu neto) que o conheceu menino."

Inegavelmente, o sogro o ajudou, mas foi com seu incansável trabalho que Papai Saraiva conquistou e desenvolveu o vasto império sertanejo, administrado em parceria com os filhos.

Seguindo a orientação paterna, cada um deles tinha a seu cargo a responsabilidade de uma propriedade: Lucas Luís dirigia a Fazenda São João, mais tarde desdobrada em Jericó e Marajó; José Olavo tinha a seu cargo, a Fazenda Serra Dágua; Galdino Elias cuidava da Gangorra; João Batista, o caçula, era o responsável pela Santa Teresa, nos sertões da Paraíba, e assim por diante.

Com a sua morte ocorrida em 1831, cada filho herdou a propriedade onde já se encontrava estabelecido.

Tal era o rebanho existente nestas terras, que muitas vezes o inverno chegava e o gado de corte não havia sido ainda totalmente escoado, em boiadas, para os mercados da Paraíba e Pernambuco.

Ele, geralmente, acompanhava o gado para as feiras e, quando retornava, trazia o apurado em ouro e prata acondicionado em surrões de couro guardado depois em caixão de farinha, na sua modesta casa.

Foi em uma dessas viagens que o destemido fazendeiro conheceu em pleno sertão paraibano a região onde veio a ser edificada a tradicional Fazenda Santa Teresa.

A paisagem que ali se descortinava o embeveceu, e a terra servia bem para a agropecuária.

Adquiriu imediatamente de seu proprietário Francisco Germano Ferreira Lustosa em 1810.

Chegando em casa, reuniu os nove filhos e perguntou qual deles desejava se estabelecer no novo feudo da família.

Apenas o caçula, João Batista, de dezesseis anos de idade, mostrou-se interessado.

O Tenente-Coronel Antônio Saraiva Leão formalizou-se e disse então estas palavras: "procurei entre todos qual o que quisesse me satisfazer; apenas o João, o mais moço de vocês, encontrei o desejo; saibam, pois, que d'ora avante vou fazê-lo feliz."

Promessa feita, promessa cumprida. Pouco tempo depois, atendendo à vontade paterna, João Batista rumava para o sertão paraibano, estabelecendo-se com uma grande fazenda, dotada de todo o conforto possível para a época, cuja tradição chegou aos nossos dias.

Em algumas folhas de papel almaço, amareladas pelo tempo, encontrei interessantes apontamentos sobre a Família Saraiva Leão, escritos por um parente; não consegui desvendar o seu nome.

Nestas anotações há a descrição da partida deste nosso antepassado para o novo campo de atividades. Vejamos como isto aconteceu:

"Disposto o necessário para a viagem, partiu João Batista com diversos escravos, conduzindo grande número de gado para a nova situação.

Tinha, então, dezesseis anos de idade quando alí chegou em 1810, para administrar e ser vaqueiro.

Construiu algumas casas de taipa, para si e seus auxiliares, bem como abriu cacimbas, bebedouros, construiu currais, etc.

Decorridos quatro anos de ali situado, constrói em 1814, uma grande casa de alvenaria, contratando em Recife um mestre de obras, pagando diariamente, desde o dia de saída ao do regresso, 160 réis, e aos mais outros, também do Recife, a 80 réis.

Terminada a grande obra, depois de muitos meses de trabalho, contrata e depois contrai casamento com a sua prima, Teresa Antônia de Maria Seja, sendo dito enlace efetuado no Ceará em lugar ignorado.

Voltando à Fazenda, a vida toma novos rumos, com mais prazeres e maior satisfação."

Graças ao apoio paterno, João Batista prosperou largamente e foi o continuador da tradição fazendeira da Família Saraiva Leão no século passado.

Teve a preocupação de educar os filhos, como o fez com o Dr. Antônio Benício, meu bisavô materno e um dos nossos homenageados.

Mas, retornemos novamente à figura do Patriarca do Banabuiú, detentor, ainda, do título de "homem generoso".

Se enterrou os seus cabedais de ouro e prata, como afirmou o neto, Padre Dr. Antônio Elias Saraiva Leão, não foi por egoísmo, mas por medida de segurança.

Em nossos sertões imperava o banditismo, tendo ele mesmo sido assaltado em uma de suas viagens de negócios. Escapou com vida graças a astúcia do guarda-costas que o acompanhava.

Dele, conta-se também, que um ano seco e de pouca colheita, a esposa Anna Batista o advertiu da necessidade de se retirar os rebanhos como meio de impedir a sua destruição pela voragem do povo faminto.

Respondeu incontinenti: "Anninha, o que será deste povo se eu vender o meu gado? Sabeis o que eu tenho resolvido?

Nem mais nem menos do que abster-me de vender um só boi, para que o pobre povo não vá perecer de fome!

É sabido, ainda, que se algum pobre lhe devesse um boi, bem poderia pagá-lo com bezerro. Ele esperava pacientemente o tempo necessário até que o animal se tornasse boi...

Em viagem sentimental, durante a Convenção de Morada Nova, visitei as ruínas de sua casa, na Fazenda Saco, e o velho açude ainda hoje existente.

Já tentei, inutilmente, localizar o seu batistério, registros de casamento e óbito, empenhando-se nesta busca o próprio Bispo de Limoeiro do Norte, nosso parente Dom Pompeu Bezerra Bessa, e o vigário cooperador de Quixeramobim, Padre José Van Esch.

São documentos que gostaria de possuir em meu arquivo particular, como recordação deste nosso bravo antepassado, tronco da Família Saraiva Leão em terras cearenses.

Mesmo assim, seguindo o exemplo dos parentes de Morada Nova, conservarei viva a sua lembrança, e ao encerrar esta conferência, farei também minhas as mesmas palavras proferidas pelo dileto primo, Professor José Plácido Saraiva Leão, no encerramento daquele memorável Encontro:

"Convenhamos, portanto, que o solo que ora pisamos, o Sítio Tapera, foi uma dessas benesses que nos legaram nossos heróicos predecessores, especialmente o Patriarca, Tenente-Coronel Antônio Saraiva Leão, o venerando Papai Saraiva.

Ele, o desbravador da terra, que teve a coragem inominável de arrastar os perigos inerentes às condições selváticas dos ínvios sertões nordestinos daquela época, e nesta região hostil, a despeito de todas as intempéries, fundou uma grande fazenda, denominada "Saco", tão grande e tão produtiva que lhe propiciou uma apreciável fortuna.

Sejamos, pois, dignos de nossos maiores e mantenhamos sempre acesa a chama sacrossanta da fraternidade, para que possamos, no porvir, merecer de nossos pósteros a mesma estima que neste inesquecível momemento tributamos aos nossos inolvidáveis ancestrais!